



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS MACEIÓ  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**LENI CAVALCANTE DUARTE**

**LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

**MACEIÓ, AL**

**2020**

LENI CAVALCANTE DUARTE

LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de graduação em Licenciatura em Letras do  
Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Maceió,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Santos da Silva

MACEIÓ, AL

2020



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
*Campus Maceió*  
*Biblioteca Benevides Monte*

---

372.4  
D8121

Duarte, Leni Cavalcante.

Leitura e escrita em sala de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental :  
desafios no processo de ensino e aprendizagem / Leni Cavalcante Duarte.  
– Maceió, 2020.  
28 f.

Orientação: Prof. Dr. Manoel Santos da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto Federal de  
Alagoas, Educação a Distância/Universidade Aberta do Brasil, Polo Maceió.  
Maceió, 2020.

Arquivo no formato digital em PDF.

1. Letras – Português. 2. Leitura e escrita – Ensino Fundamental. 3. Ensino-  
aprendizagem. I. Título.

---

Franciane Monick Gomes de França  
Bibliotecária – CRB 4/1831

LENI CAVALCANTE DUARTE

LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de graduação em Licenciatura em Letras do  
Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Maceió,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 15/06/2023

**BANCA EXAMINADORA**

*Manoel Santos da Silva*

---

Prof. Dr. Manoel Santos da Silva (Orientador)

Instituto Federal de Alagoas – IFAL

*Antônio Carlos Santos de Lima*

Prof. Dr. Antônio Carlos Santos de Lima (Examinador 1)

Instituto Federal de Alagoas – IFAL

*Sidiane Ferreira Batista*

---

Profa. Ma. Sidiane Ferreira Batista (Examinadora 2)

Instituto Federal de Alagoas – IFAL

Dedico a meus pais, que não tiveram muitas oportunidades de estudos, mas, que se esforçaram muito para que eu e minha irmã tivéssemos.

## AGRADECIMENTOS

À a todos os professores que contribuíram de alguma forma para essa realização, em especial o professor Manoel, que aceitou participar desse trabalho comigo com dedicação e muita paciência. Suas colaborações foram de grande importância para o desenvolvimento das minhas ideias;

A minha amiga, Aline Beatriz, por todas as vezes que me ofereceu carona até o IF durante o curso;

Ao Instituto Federal de Alagoas, que foi fundamental para a minha formação profissional e pessoal, do ensino médio-integrado ao ensino superior;

A meu esposo, Luiz Gomes, por sempre me apoiar e me incentivar a tornar possível a conclusão desse trabalho;

E por fim, o mais importante na minha vida, Deus, pois sem Ele nada disso seria possível. Toda honra e toda a glória sejam dadas a Ele, pois até aqui me ajudou o Senhor.

## RESUMO

O estudo aborda a importância da leitura e escrita na vida humana, destacando que elas permitem a aquisição de conhecimento e evolução pessoal. O problema do analfabetismo no Brasil é ressaltado, com dados do IBGE mostrando que milhões de brasileiros não sabem ler ou escrever, e muitos são considerados analfabetos funcionais, incapazes de compreender o que leem ou escrever corretamente. O autor explora a investigação sobre as dificuldades de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental, questionando se as escolas oferecem projetos de incentivo à leitura e se os alunos têm apoio em casa para desenvolver essas habilidades. O surgimento da escrita é discutido, com a menção de que ela foi uma evolução importante para a humanidade, permitindo a organização de informações e a administração de questões como impostos e comércio. A escrita inicialmente era limitada e usada para fins administrativos, mas com o tempo se tornou mais abrangente, culminando na criação de sistemas de escrita completos, como o cuneiforme e o hieroglífico. O estudo também aborda o papel dos escribas na história, que eram profissionais responsáveis por redigir leis, copiar informações e exercer funções administrativas. A invenção da prensa móvel por Gutenberg revolucionou a produção de livros, tornando-os mais acessíveis. A luta pela igualdade de gênero na educação é mencionada, destacando que, historicamente, as mulheres tinham menos acesso à leitura e escrita. A conclusão enfatiza a importância do incentivo à leitura, tanto nas escolas quanto em casa, dado o contexto atual em que as pessoas estão lendo menos apesar da conectividade com a internet e as redes sociais.

**Palavras-chave:** Leitura, escrita, processo de ensino, aprendizagem.

## ABSTRACT

The study addresses the importance of reading and writing in human life, highlighting that they allow the acquisition of knowledge and personal evolution. The problem of illiteracy in Brazil is highlighted, with IBGE data showing that millions of Brazilians do not know how to read or write, and many are considered functionally illiterate, unable to understand what they read or write correctly. The author explores research on reading and writing difficulties in the early grades of elementary school, questioning whether schools offer projects to encourage reading and whether students have support at home to develop these skills. The emergence of writing is discussed, with the mention that it was an important evolution for humanity, allowing the organization of information and the administration of issues such as taxes and trade. Writing was initially limited and used for administrative purposes, but over time it became more comprehensive, culminating in the creation of complete writing systems such as cuneiform and hieroglyphic. The study also addresses the role of scribes in history, who were professionals responsible for writing laws, copying information and exercising administrative functions. Gutenberg's invention of the printing press revolutionized book production, making them more accessible. The fight for gender equality in education is mentioned, highlighting that, historically, women had less access to reading and writing. The conclusion emphasizes the importance of encouraging reading, both in schools and at home, given the current context in which people are reading less despite internet connectivity and social networks.

**Keywords:** Reading, writing, teaching process, learning.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1	O CAMINHO DO SURGIMENTO DA ESCRITA.....	10
1.2	A ESCRITA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A HUMANIDADE.....	11
1.3	AS PRIMEIRAS PRÁTICAS DE LEITURA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÃO.....	13
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>15</b>
2.1	OBJETIVO GERAL.....	15
2.2	OBJETIVO ESPECÍFICOS.....	15
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>15</b>
3.1	METODOLOGIA.....	15
3.2	LEVANTAMENTO DE DADOS.....	16
3.3	POPULAÇÃO DA AMOSTRA.....	16
3.4	ANÁLISE DE DADOS.....	17
<b>4</b>	<b>TEÓRICOS QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA.....</b>	<b>17</b>
4.1	A IMPORTÂNCIA DE SABER LER E ESCREVER.....	17
4.2	O SURGIMENTO E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM.....	19
4.3	ALFABETIZAÇÃO.....	21
4.4	LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS.....	25
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>26</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ler e escrever são atividades de extrema importância na vida do ser humano. É através delas que adquirimos conhecimento e evoluímos como indivíduos. Por isso, muito tem-se discutido sobre a necessidade de romper com as barreiras do analfabetismo no Brasil.

Dados recentes divulgados pelo IBGE (2018), mostram que “atualmente 11 milhões de brasileiros não sabem ler nem escrever [...]”. Outros ficam a penas na codificação e decodificação e acabam entrando para as estatísticas dos analfabetos funcionais, onde leem e escrevem, mas, não conseguem compreender o que estão lendo, tão pouco sabem escrever corretamente de acordo com a norma culta.

Foi pensando sobre o assunto que surgiu a intenção de investigar o que pode está acontecendo com esses alunos para terem tantas dificuldades em ler e escrever. O foco da investigação foi direcionado as séries iniciais do ensino fundamental (do 1º ao 5º ano, faixa etária de 6 – 10 anos), por ser a melhor fase para o aluno desenvolva as habilidades de leitura e escrita.

Ao estudar o tema sobre leitura e escrita e ao foca-lo nas séries iniciais do ensino fundamental, percebi o seguinte problema: será que a escola desses alunos não têm projeto de incentivo à leitura para estimula-los adequadamente. Ou será que esses alunos não têm o apoio em casa para desenvolver suas habilidades de leitura e escrita? Para isso foi preciso entender a diferença entre aquisição e desenvolvimento da linguagem e o conceito de alfabetização.

### 1.1 O CAMINHO DOSURGIMENTO DA ESCRITA

Nem sempre a escrita fez parte da humanidade, mas, é através do seu surgimento que o mundo evoluiu. A escrita advém “com o aparecimento das primeiras civilizações, ou seja, com o surgimento das primeiras cidades, os primeiros sistemas políticos e sistemas de escrita [...]” (CAMPOS, 2019). Dos tempos em que as primeiras civilizações a usava para fins comerciais. Acredita-se que os primeiros sinais escritos datam de 4.000 – 3.000 anos atrás.

Antes da escrita a primeira forma de comunicação não verbal conhecida foram as pinturas rupestres, no período Paleolítico. A pintura rupestre é “constituída por representações gráficas do tipo: desenhos, símbolos e sinais; produzidos em paredes de cavernas ou nas superfícies de grandes rochas [...]” (HIGA,2019).

É através dessas pinturas que hoje podemos entender como era a vida dos primeiros seres humanos na terra, através de estudos, pesquisas e escavações arqueológicas. Com o fim da Era Glacial, o homem saiu da caverna para viver ao ar livre. Depois de longos anos vivendo no Paleolítico como nômades, morando em cavernas, o homem adota um novo estilo de vida de coletores e caçadores para sedentários, agricultores e pastores.

Com o desenvolvimento da agricultura e do pastoreio, a população foi crescendo, aldeias surgiram, a construção de templos e sistemas religiosos e novas ferramentas foram desenvolvidas conforme a necessidade ia aparecendo. Esses acontecimentos na humanidade, surgiu-se a necessidade de organizar todos os dados matemáticos para administrar as arrecadações de impostos, contabilizar os gastos entre outras coisas necessárias para o desenvolvimento das cidades. E os primeiros povos a superar essa necessidade foram os sumérios. Por volta de 3.000 a.C., “sumérios de nomes desconhecidos inventaram um sistema que era possível armazenar grandes quantidades de dados matemáticos, esse sistema era a: escrita [...]” (HARARI, 2017, p. 130).

“A escrita é um método para armazenar informações por meio de símbolos materiais. O sistema de escrita sumérios fez isso combinando dois tipos de símbolos, que eram gravados em pequenas tábuas de argila. Um tipo de símbolo representava os números. [...] O outro tipo de símbolos representava pessoas, animais, mercadorias, territórios, datas e assim por diante” (HARARI, 2017, p. 130 - 131).

Ainda no início, a escrita era muito limitada (sistema parcial de escrita) e requeria tempo para usa-la, então era destinada somente para fins administrativos, como acordos, armazenamento e comercialização de mercadorias. Um sistema de escrita parcial, “é um sistema de símbolos matérias que só pode representar determinados tipos de informação pertencentes a um campo de atividade limitado [...]” (HARARI, 2017, p. 132).

Haviam algumas culturas que viveram com o sistema de escrita parcial por toda sua história sem dificuldade alguma de um sistema completo. Por exemplo: os Andes pré-colombianos, usavam um sistema que registrava dados por meio de nós atados em cordas coloridas feitas de algodão ou lã: os quipos. Os quipos funcionavam mais ou menos assim, atando vários nós em lugares distintos combinado diferentes nós a diferentes cordas com diferentes cores.

Os quipos foram essenciais para o negócio de cidades, reinos e impérios. Graças aos quipos, os incas puderam salvar e processar grandes quantidades de dados, sem os quais não teriam sido capazes de manter o complexo maquinário administrativo que um império desse tamanho requer. (HARARI, 2017, p. 133).

## 1.2 A ESCRITA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A HUMANIDADE

Entre 3000 e 2500 a. C., mais símbolos foram acrescentados ao sistema de escrita dos sumérios, no intuito de suprir as limitações que o sistema parcial enfrentava, impossibilitando outros tipos de informações. A mudança aconteceu progressivamente passando a ser um sistema de escrita completo, chamado cuneiforme. “Um sistema de escrita completo é um sistema de símbolos materiais que pode representar de maneira mais ou menos fiel a linguagem falada [...]” (HARARI, 2017, p. 132).

“Em 2500 a.C., reis usavam a escrita cuneiforme para emitir decretos, sacerdotes a usavam para registrar oráculos e cidadãos menos elevados usavam para escrever cartas pessoais [...]” (HARARI, 2017, p. 134-135). Em meados dessa época surgiu a obra literária sumeriana a Epopeia de Gilgamesh, considerada uma das obras mais antigas na história da humanidade:

É um antigo poema épico mesopotâmico, escrito pelos sumérios em algum momento em torno de 2000 a.C. Essa história narra os feitos de Gilgamesh, rei de Uruk, em sua procura pela imortalidade [...]. Essas tábuas foram encontradas em uma escavação que ocorreu no século XIX, na região onde ficava a antiga cidade assíria de **Nínive**. (SILVA, 2010, grifo do autor)

Com o advento da escrita a comunicação e os registros começam a fluir com mais frequência. “Aproximadamente na mesma época, os egípcios desenvolveram um sistema completo chamado escrita hieroglífica” (HARARI, 2017, p. 135). E foi se espalhando por outras regiões (China por volta de 1200 a.C. e na América Central por volta de 1000-500 a.C).

Na babilônia a escrita foi usada inicialmente na aplicação do primeiro código de leis da história da humanidade: o código Hamurábi, o código jurídico mais completo da Antiguidade. Criado pelo rei de Hamurábi da primeira dinastia babilônica. O código é baseado na antiga Lei de Talião, “olho por olho, dente por dente”.

- Se alguém enganar a outrem, difamando esta pessoa, e este outrem não puder provar, então aquele que enganou deverá ser condenado à morte.
- Se uma pessoa roubar a propriedade de um templo ou corte, ele será condenado à morte e também aquele que receber o produto do roubo deverá ser igualmente condenado à morte.
- Se uma pessoa roubar o filho menor de outra, o ladrão deverá ser condenado à morte. (HAMURÁBI, 1980, p. 57).

Em meado dos anos 3000 a.C., surgiram os papiros, criados pelos egípcios. O papiro era enrolado a uma vareta de madeira ou marfim formando o rolo que seria usado na escrita. Com a criação dos papiros os egípcios criaram diversos manuscritos e foi considerada a biblioteca com o maior acervo cultural da Antiguidade.

O papiro se mostrou um suporte de grande qualidade, tanto em maleabilidade quanto em sensibilidade à tinta. Tal suporte proporcionou o grande triunfo que foi a biblioteca de Alexandria e também fez com que outros povos aderissem ao uso do mesmo material. Assim, o Egito começou a exportar seu “papel” e a biblioteca de Pérgamo, na Grécia, tornou-se concorrente da biblioteca de Alexandria. Talvez por isso, ou por temerem a escassez de matéria prima, os egípcios proibiram a exportação do papiro no século II d.C. (MACIEL, 2022).

Foram os papiros que deram origem aos livros, as folhas de papiro eram encadernadas com capas de madeira fina, essa encadernação era chamada de volume que hoje chamamos de livro. Os primeiros volumes foram: o Zend - Avasta, retratando da cultura e da religião persa e o livro Sagrado dos Hebreus, que também usavam a oratória.

Os persas, criaram o correio a cavalo, facilitando ainda mais a comunicação entre os reinos mais distantes:

Na Pérsia antiga, em 500 a.C., surgiu o primeiro “correio” eficiente do mundo. Havia centenas de estações espalhadas por todo o reinado e os mensageiros montados a cavalo iam de uma à outra levando mensagens. O objetivo do sistema, conhecido como angarion, era servir de aparato de inteligência e, posteriormente, fazer cobranças de impostos. (SUPER INTERESSANTE, 2006).

Além de utilizarem o papiro, utilizavam também um outro tipo suporte para escrever, os pergaminhos. “Com a falta do papiro como suporte para a escrita, foi desenvolvido o pergaminho, em Pérgamo [...]” (MACIEL, 2022), obtido a partir da pele de um animal (cabra, ovelha, carneiro; eram os mais utilizados). Desse modo, a escrita abriu um leque de possibilidades para a humanidade desde a sua criação.

### 1.3 AS PRIMEIRAS PRÁTICAS DE LEITURA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE E SUAS CONTRIBUIÇÕES

As primeiras práticas de leituras feitas pela humanidade, conseqüentemente, ocorreu no momento da criação da escrita. – Leitura aqui me refiro a capacidade de interpretar o código linguístico –. Porém, quem tinha essa habilidade eram os escribas. Os escribas (do latim scriba-, escrivão público) eram profissionais que exerciam a função de redigir leis, copiar e arquivar informações.

Foram essas algumas das funções que os escribas exerceram de acordo com sua cultura:

no antigo Egito, indivíduo instruído, encarregado de funções administrativas e com estatuto social privilegiado;  
HISTÓRIA doutor da lei entre os Judeus; judeu de uma classe que se dedicava ao estudo e ensino da lei de Moisés;

HISTÓRIA indivíduo encarregado de escrever textos litúrgicos e oficiais e de copiar manuscritos; escritã. (PORTO EDITORA, 2023).

Os escribas originaram-se dos reinos e impérios por volta do século XIII na Roma Antiga, a fim de elaborar e portar os atos da realeza, da vida comum e dos atos eclesiásticos.

Os escribas eram uma classe social muito importante no Egito. Muitas vezes chamados de mestres e doutores das leis. Apenas eles tinham a possibilidade de fazer carreira no serviço público ou como administradores de grandes propriedades. A escrita (codificação do código linguístico) era uma profissão especializada. (PORTO EDITORA, 2023, grifo do autor).

Graças aos escribas podemos entender e conhecer os fatos ocorridos no passado através de seus registros, feitos a mão em papiros, penas e tinteiro. Um trabalho muito que requeria tempo e dedicação, por isso era usada para registros importantes como já mencionados anteriormente. Desde então, tabuletas de argila ou pedra, Khartés (cilindro de papiro), pergaminho e o códex, esses foram os precursores do papel.

Depois dos escribas, alguns homens passaram a aprender a ler e escrever, homens da alta sociedade até que se tornou uma prática entre os homens independente de classe social. Já as mulheres não tinham acesso e leitura durante muitas décadas.

Por volta do ano 1430 o alemão Johannes Gutenberg inventou a prensa móvel. Essa invenção causou uma revolução, “o processo de aceleração da produção de livros. Após a invenção da imprensa, imprimir e compor livros deixaram de ser práticas manuais e artesanais e tornaram-se uma produção em série mecanizada [...]” (FERNANDES). E, os livros ficaram cada vez mais acessíveis.

Acredita-se que o primeiro livro impresso foi a Bíblia em latim com 641 páginas, em 1455. E que também foi a Bíblia o primeiro livro trazido para o Brasil pelos Jesuítas durante o período colonial. Nesse período surgiram as primeiras escolas pelos padres jesuítas voltada somente para os homens, nem as mulheres, independente de classe social ou etnia, nem escravos podiam frequentar a escola, somente homens brancos. Acredita-se que primeira mulher que aprendeu a interpretar o código linguístico foi a indígena brasileira Madalena Caramuru.

Depois de alguns séculos e muitas lutas pelo direito de aprender feminino de aprender a ler e escrever, puderam lecionar também e outras tonaram-se autoras de best seller's como Jane Austen (1775 – 1817); Irmãs Brontë (1816 - 1855) e tantas outras. Muitas usavam pseudônimos por medo de serem alvo de preconceitos por suas escritas.

Com o tempo os livros foram se popularizando e ficaram mais acessíveis, hoje podemos ler de diversas formas e lugares e estilos, tem livros para todos os gostos. Em contrapartida as

peessoas estão lendo cada vez menos. Muito embora, elas estejam sempre conectadas nas redes sociais o tipo de leitura é limitada. Por isso é fundamental que as escolas incentivem a leitura em sala de aula e que os pais deem continuidade a essa atividade em casa.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender o que pode estar acontecendo com a alfabetização infantil que justifique um número tão alto de analfabetos e como muitos chegam ao Ensino Médio com deficiência de leitura e escrita, que deveriam ter sido rompidas nas séries iniciais enquanto cursavam no Ensino Fundamental.

### **2.2 OBJETIVO ESPECIFICO**

Identificar quais são os desafios no processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita em sala de aula, no ensino fundamental.

Analisar criticamente os métodos e as técnicas de ensino e aprendizagem que as escolas estão usando na alfabetização.

## **3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

Discorreremos sobre o caminho metodológico que sustentam este estudo, ponderando que a pesquisa bibliográfica constitui os principais estudos recentes na temática proposta. Dessa forma, o levantamento dos dados leva em consideração a amostra que a pesquisa exige, e a análise de dados refuta a importância da discussão.

### **3.1 METODOLOGIA**

Visando atingir os objetivos do TCC, a abordagem metodológica usada será a pesquisa bibliográfica, descritiva de natureza quantitativa. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]” (GIL, 2002, p. 44). Por ser um método muito eficiente e necessário em todos os projetos de pesquisa, tanto como um complemento e/ou reforço as informações obtidas por outros métodos ou de forma exclusiva. Se tratando de pesquisas bibliográficas ou não.

Além disso, “a pesquisa bibliográfica permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente [...]” (GIL, 2002, p. 44). Como o problema do objeto pesquisado requer uma investigação mais ampla e histórica, a abordagem escolhida foi a mais ideal.

Como o problema do objeto pesquisado requer uma investigação mais ampla e histórica, para entendermos e nos aprofundar melhor no tema a ser pesquisado, a abordagem escolhida foi a mais adequada. “A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos [...]” (GIL, 2002, p. 44).

### 3.2 LEVANTAMENTO DE DADOS

O levantamento dos dados, foi feito minuciosamente dando-se sempre preferência a material de primeira mão, evitando-se o uso de citações de segundo.

Para a base de dados foram utilizadas as seguintes fontes: Google Acadêmico, Agência Brasil, Britannica, Scielo (Scientific Electronic Library OnLine), g1 (Portal de notícias globo), Governo do Estado de Alagoas, MODERNA (Anuário Brasileiro da Educação Básica), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Impressos, artigos acadêmicos e revistas eletrônicas: Revista Brasileira de Educação.

### 3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população da pesquisa foi composta por parte da literatura relacionada ao tema de estudo, pesquisadas nos bancos de dados Google Acadêmico, Agência Brasil, Britannica, Scielo (Scientific Electronic Library OnLine), g1 (Portal de notícias globo), Governo do Estado de Alagoas, MODERNA (Anuário Brasileiro da Educação Básica), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A amostra foi composta por todos os Artigos que atendia aos interesses da pesquisa encontrados, totalizando em 53 artigos.

A seleção foi realizada com base em leituras criteriosa dos artigos, teses e livros encontrados nas bases de dados. Divididos em: 31 artigos, 12 livros impressos e 10 livros digitais, sendo que só foram selecionados apenas os artigos que atendiam os interesses da

pesquisa, um total de 16 artigos. Alguns artigos selecionados datavam de 1994 (por se tratar de um dado comparativo necessário para a pesquisa) – 2022.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta dos dados, foi feita uma leitura completa de grande parte da literatura selecionada, outras foram lidas apenas as partes que seriam usadas na pesquisa para o TCC. Também forraram lidos alguns capítulos de interesse para pesquisa de livros impressos. Toda a literatura que foi utilizada estava no idioma brasileiro.

## 4. TEÓRICOS QUE FUNDAMENTAM A PESQUISA

Nesta seção, abordamos as principais discussões dos teóricos que estudam o processo de leitura e escrita. Nesse sentido, discorreremos em quatro tópicos que fundamentam este trabalho.

### 4.1 A IMPORTÂNCIA DE SABER LER E ESCREVER

“Pesquisas apontam que emojis estão caminhando para se tornar a linguagem global [...]” (RIBEIRO C., 2018), foi o subtítulo de uma reportagem publicada na página no TechTudo sobre os emojis. Será que a escrita está perdendo sua relevância, ou o mundo está mudando a forma de se comunicar, assim como as cartas de papel deram lugar aos correios eletrônicos (e-mail).

Apesar dos avanços das tecnologias deixarem entender que a escrita está se tornando anacrônica a realidade do imediatismo, onde os textos estão tomando formas mais simples, curtos, objetivos, com emojis e seus derivados. A escrita continua mantendo-se necessária e insubstituível.

Ainda segundo a pesquisa:

Atualmente, 95% de todas as pessoas online já usaram algum tipo de emoji. A pesquisa conclui que o emoji está caminhando para se tornar um tipo de linguagem global, que permite a comunicação de pessoas de todas as partes do mundo, independente do idioma. Isso está atribuído ao aumento do número de figuras. Com quase 3 mil tipos diferentes, a tendência é que os emojis começarão a substituir frases e palavras do dia a dia. Além disso, as representações devem começar a se diversificar, com a inclusão de outros tipos, como os Animojis e os Bitmojis. Ainda em 2018, cerca de 130 novas carinhas devem chegar às redes sociais. (RIBEIRO C., 2018).

As pessoas estão cada vez mais conectadas (celulares, computadores, tablets etc.) todas ligadas as redes sociais em todo o tempo lendo e escrevendo, mesmos que os emojis estejam tão presentes nas maiorias das conversas digitais, a escrita ainda é maioria, e se a pessoa não for pelo menos letrada nem mesmo através de emojis ela conseguirá comunicar-se.

Embora algumas redes sociais e o próprio Google estejam fazendo uso de buscadores por voz e mensagens de voz como também nos casos do WhatsApp, Telegram e Instagram entre outras, estão tornando o uso delas mais conveniente e mais inclusiva.

Conveniente, porquê torna a pesquisa instantânea e direta sem precisar digitar. Inclusiva para as pessoas leigas em digitação, leigas em redes sociais e principalmente as pessoas que não sabem ler e escrever. Basta que ela se familiarize com os caminhos até o botão que aciona o microfone e é só falar.

Em 2020, a ComScore estima que **50% das buscas online serão feitas por meio da pesquisa por voz**. O conforto e a praticidade ditam, sim, tendências. E o abandono dos teclados – ao menos os dos *smartphones* e *tablets* – está se tornando uma realidade cada vez mais próxima. (FARIA, 2022, grifo do autor).

Até que isso se torne real por completo, estamos em constante leitura de maneiras diversificadas seja elas em letras, símbolos, imagens, códigos etc. não importa, o que importa é que todas estão nos contando alguma coisa, uma nota no jornal ou revista, as sinalizações de trânsito, as instruções de uso, avisos etc.

Básica ou complexa, grande ou pequena, em diversas línguas, culturas e cores. A escrita está impregnada no cotidiano, nas placas, outdoors, faixas, panfletos. E se antes elas eram apenas para as camadas privilegiadas, hoje não ter acesso a leitura e a escrita é sair em desvantagem social. Tão importantes e ainda de tão difícil acesso.

Ler e escrever vai além de pegar um texto, frase, imagem, placa etc., e entender que aquele autor disse isso e aquilo e pronto; ler uma frase em uma camiseta ou outro lugar e simplesmente concordar ou discordar da frase dependendo do gosto; ver uma placa e entender o que ela está dizendo e seguir ou não.

A escrita é muito mais do que “a pintura da voz” como queria Voltaire. Tornou-se a suprema ferramenta do conhecimento humano (ciência), agente cultural da sociedade (literatura), meio de expressão democrática e informação popular (a imprensa) é uma forma de arte em si (caligrafia), para mencionar apenas algumas manifestações. (FISCHER, 2009, p. 10).

Ler vai além de decodificar o que está escrito explicitamente porque escrever é muito mais que codificar. É informar, anunciar, explicar, etc., mas também é instigar, é provocar, é despertar o sensu crítico do interlocutor.

## 4.2 O SURGIMENTO E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

E quando se fala em escrita automaticamente se fala em leitura, embora diferentes, uma depende totalmente da outra. Não há como aprender uma independente da outra. Na verdade, primeiro aprende-se a linguagem, ou melhor, adquire-se a capacidade de entender a língua, quando criança, depois a desenvolve-la ao longo da vida:

Desde que nasce, e até mesmo antes disso, a criança vai, aos poucos confrontando-se com língua(gem). Inicialmente, em escuta ativa, e em seguida, de maneira mais efetiva, participa diretamente, como sujeito de linguagem, das interações. (DELRÉ; PAULA; MENDONÇA, 2014, p. 17).

Esse confronto com a linguagem que a criança tem, segundo Delré; Paula; Mendonça (2014, p. 17), ela já inicia desde o útero da mãe:

Há muitos estudos de percepção que comprovam que, ainda no útero da mãe, a criança é sensível aos sons que a rodeiam, o que explica o conforto que a fala, de um modo geral da mãe, proporciona, da mesma maneira como o bebê, na barriga, reage, responde, de certa forma, a essa fala com a linguagem que possui e já o constituiu (corpórea, inicialmente).

Se ainda no útero a criança já tem esse confronto com a linguagem e já responde, mesmo que, com os movimentos do corpo (se mexendo no útero), depois que nasce percebemos seu olhar fito em tudo e em todos ao seu redor. Basta conversar com um bebê e ele fica parado observando os movimentos que os lábios, de quem está conversando com ele, faz e tenta reproduzir.

Sobre isso, Piaget, afirma que “o período que vai do nascimento até a aquisição da linguagem é marcado por extraordinário desenvolvimento mental”. E esse período “é decisivo para todo o curso da evolução psíquica: representa a conquista através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança [...]” (PIAGET,1999, p. 17).

Depois, a criança passa a tentar conversar também fazendo sons com a boca cada vez com mais determinação até que ela reproduz a primeira palavrinha e daí por diante ela torna-se mais comunicativa e expressiva. O choro deixa de ser o seu único modo de chamar a atenção para suas necessidades e a fala torna-se sua maior aliada. No tocante a fala, Piaget (1999, p. 17-18):

Enquanto que, no ponto de partida deste desenvolvimento, o recém-nascido traz tudo para si ou, mais precisamente, para o seu corpo, no final, isto é, quando começam a linguagem e o pensamento, ele se coloca, praticamente, como um elemento ou um corpo entre os outros, em um universo que construiu pouco a pouco, e que sente depois como exterior a si próprio.

Com o surgimento da linguagem, a criança passa a interagir mais com as pessoas e coisas ao seu redor, ela começa a receber muitas informações, regras e ordens. Segundo Piaget (1999):

A comunicação entre os indivíduos são a consequência mais evidente do aparecimento da linguagem. Sem dúvida, estas relações interindividuais existem em germe desde a segunda metade do primeiro ano, graças à imitação, cujos processos estão em íntima conexão com o desenvolvimento senso-motor. (PIAGET, 1999, P. 25).

Piaget (1999, p. 24), diz que isso ocorre com o aparecimento da linguagem, quando “as condutas são profundamente modificadas no aspecto afetivo e intelectual”. São tantas informações que ela recebe, que fica difícil de processar tudo na mesma velocidade, e aí começa a fase dos porquês, fase que marca a passagem do período sensório-motor para o pré-operatório.

Entre as perguntas, as mais primitivas tendem simplesmente em saber “onde” se encontram os objetos desejados e como se chamam as coisas pouco conhecidas: “o que é?” Mas desde três anos, e muitas vezes antes, aparece uma forma básica de perguntas que se multiplica até os sete anos: são os famosos “porquês” das crianças, aos quais o adulto tantas vezes tem dificuldades em responder.

O intuito da criança, ao fazer essas perguntas incansáveis, é entender a “razão de ser” das coisas. Muitas crianças aos três anos de idade já frequentam a escola primária. Embora seja uma realidade para poucas. Essa fase é muito importante para o desenvolvimento da criança, a interação com outras da mesma faixa etária e o acesso aos primeiros momentos da alfabetização.

Se quando criança, o sujeito não for exposto aos elementos necessários para o desenvolvimento da linguagem, torna-se mais difícil para o mesmo constituir a prática de ler e escrever bem na fase adulta. É por isso que quanto mais cedo a criança receber estímulos melhor ela se desenvolverá.

No tocante a fase adulta, Delré; Paula; Mendonça (2014, p. 17), dizem que:

Falar em linguagem de criança é falar, na verdade, da linguagem do ser humano e, conseqüentemente, do adulto que já foi criança; o outro observado e analisado, por assim dizer, é o mesmo; o que é diferente, singular, é a forma como cada um vai se relacionar com a linguagem em diferentes momentos da vida.

É na fase adulta que todos esses estímulos fazem algum sentido. Até então, são um monte de informações, necessárias e importantíssimas, mas que ainda estão em processo de construção. É, ao longo da vida que todas essas informações vão amadurecendo e se transformando em quem somos e no que escolhemos para desenvolver profissionalmente.

Sobre o sujeito na fase adulta, (Delré; Paula; Mendonça, 2014, p. 17), afirmam que “é importante que se diga que esse sujeito não deixa de se encontrar em um permanente processo de construção – na e pela linguagem – até o final da vida [...]”.

Porém Soares (2015, p. 15, grifo do autor), alerta para uma distinção entre os processos:

É verdade que, de certa forma, a aprendizagem da língua materna quer escrita quer oral é um processo permanente, nunca interrompida. Entretanto, é preciso diferenciar um *processo de aquisição* da língua (oral e escrita) de um *processo de desenvolvimento* da língua (oral e escrita); esse último é que sem dúvida, nunca é interrompido.

Ou seja, existe uma diferença entre *processo de aquisição* da língua e *processo de desenvolvimento* da língua seja ela oral ou escrita.

No que diz respeito ao processo de aquisição da língua, como acontece já foi falado acima, que vai desde o útero da mãe quando o bebê ouve a voz, geralmente a da mãe, e depois que nasce (lactente), “o período que vai do nascimento até a aquisição da linguagem é marcado por extraordinário desenvolvimento mental [...]” (PIAGET, 1999, p. 17). Até quando a criança passa a interagir através da fala (verbalmente).

Já o processo de desenvolvimento da língua, ocorre no período que vai dos dois aos sete anos de idades, porém, como disse Soares (2015, p.15), “esse é que sem dúvida nunca é interrompido”. Ou seja, estamos em constante aprendizagem no desenvolvimento da língua.

### 4.3 ALFABETIZAÇÃO

Quando se fala em alfabetização muitas vezes causa uma confusão pedagógica e didática, por isso, quando falo em alfabetização aqui, falo como ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético.

No Brasil o início da vida escolar nas redes públicas é obrigatório a partir dos quatro anos de idades, conforme o Art. 6º da LDB de 2013: “É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade [...]”.

Mas, é muito comum ver crianças iniciarem a vida escolar aos 6 - 7 anos de idade, sendo direcionada para 1ª série do ensino fundamental, sem saber ler e nem escrever. Quando isso acontece a criança perde toda uma parte de aprendizagem e interação que ela deveria ter tido nos primeiros anos de vida em comparação com as crianças que ingressam a partir dos 3 anos de idade no Maternal I e II (2 – 4 anos de idade), onde elas têm acesso a atividades e brincadeiras

adequadas a sua idade, além da interação e do convívio com outras crianças na mesma faixa etária.

É uma fase muito importante para desenvolvimento da criança portanto nunca deveria ser ignorado. O primeiro contato com o princípio da alfabetização, aquele momento da familiarização com os recursos onde se aprende brincando. Desenvolvendo suas habilidades e entendendo como funciona o mundo a sua volta.

Quanto mais cedo ela receber esses estímulos interagindo e em contato com o lúdico melhor é a sua capacidade de desenvolver habilidades e assimilar informações. O acesso à educação é parte da vida, fundamental na formação do indivíduo como formador de opiniões e críticos. Por isso a alfabetização é indispensável.

Segundo o Dicionário Aurélio, alfabetização é o “ato ou efeito, modo ou processo de alfabetizar(-se)”. Alfabetizar é, “ensinar ou aprender a ler e escrever (com a devida compreensão do significado das palavras e do contexto) [...]”. (FERREIRA, 2008, p. 109).

Mas, “tem-se tentado, ultimamente, atribuir um significado demasiado abrangente à alfabetização, considerando-a um processo permanente, que se estende por toda a vida, que não se esgota na aprendizagem da leitura e da escrita [...]” (SOARES, 2015, p. 15).

Como vimos anteriormente, é o desenvolvimento da língua (oral e escrita) que nunca é interrompido. Sendo assim, Soares (2015, P. 15), define alfabetização em seu sentido próprio, específico como: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita.

Isso, se considerar a alfabetização como uma representação de fonemas e grafemas, sons e imagens, leitura e escrita. Onde a criança (ou o adulto), aprendem a ler e escrever com o método do fonético e silábico, com o uso de cartilhas. Assim, alfabetizar é: “adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler)” (SOARES, 2015, p. 15-16).

Ou ainda, se virmos a alfabetização muito além de codificar e decodificar um texto e passarmos a enxergá-la como: “um processo de compreensão/expressão de significados [...]” (SOARES, 2015, p. 16). Onde a criança aprende a ler e escrever pelo método global, com a ideia de que “a leitura é uma atividade de interpretação de ideias e que a análise de partes deve ser um processo posterior [...]” (FRADE, 2022).

Sobre esses dois métodos de alfabetização, Albuquerque e Ferreira (2022, p. 5) afirmam que:

A concepção de alfabetização como o ensino das habilidades de codificação e decodificação, predominante durante o século XX, foi pedagogicamente efetivada por meio da criação de diferentes métodos de alfabetização – métodos sintéticos (fônicos

e silábicos, por exemplo) x métodos analíticos (método global, por exemplo) – que padronizaram a aprendizagem da leitura e da escrita. (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2022, p. 5).

Soares (2015, p. 16), continua e afirma que a alfabetização é um processo que contém os dois métodos. E diz mais que:

Não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa que fosse capaz apenas de decodificar símbolos visuais em símbolos sonoros, “lendo”, por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se consideraria “alfabetizada” uma pessoa que fosse capaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito”.

Assim, Soares (2015, p. 17) traz três pontos de vista sobre o conceito de alfabetização. O primeiro é que: “a língua escrita não é, de forma alguma, um registro fiel dos fonemas da língua oral. [...] não se escreve como se fala, mesmo quando se fala em situações formais; não se fala como se escreve, mesmo quando se escreve em contextos formais [...]”.

No segundo ponto de vista (e em relação ao segundo conceito), Soares (2015, p. 17) diz que: “Os problemas de compreensão/expressão de língua escrita são diferentes dos problemas de compreensão/expressão da língua oral: o discurso oral e o discurso escrito são organizados de forma diferente [...]”.

Ou seja, quando se escreve, é preciso ter muito cuidado e atenção para expressar tudo o que na língua oral é representado por meios não verbais como as tonalidades e emoções que são transmitidos na fala. Por outro lado, quando na linguagem oral, não é possível está se corrigindo o tempo todo e muitas vezes caímos na redundância entre outras falhas.

No terceiro ponto de vista, ao contrário dos dois anteriores que eram um processo individual, Soares (2015, p. 17), volta-se para o aspecto social da alfabetização, onde:

A conceituação de alfabetização não é a mesma que, em todas as sociedades. Em que idade deve a criança ser alfabetizada? Para que deve a criança ser alfabetizada? Que tipo de alfabetização é necessária em determinado grupo social? As respostas e as perguntas variam de sociedade para sociedade e dependem das funções atribuídas por cada uma delas a língua escrita.

Diante do exposto, Soares (2015, p. 18) conclui a discussão a respeito do conceito que, alfabetizar:

Não é *uma* habilidade, é um *conjunto de habilidades*, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado. [...] essas facetas referem-se, fundamentalmente, às perspectivas *psicológicas*, *psicolinguísticas*, *sociolinguísticas* e propriamente *linguística* do processo. [...] sob essa perspectiva, estuda-se os processos psicológicos considerados necessários como pré-requisitos para a alfabetização, e os processos psicológicos por meio dos quais o indivíduo aprende a ler e escrever.

Ler não é só decodificar o que o autor escreveu, assim como escrever não é simplesmente codificar. Assim a leitura seria apenas uma “atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor [...]” (KOCH; ELIAS, 2012a, p. 10).

Quando se ler viaja, sem sair do lugar e se aprende muito sobre outros lugares, pessoas, coisas etc., como se estivesse lá. O hábito de ler melhora o raciocínio, amplia o vocabulário, estimula a imaginação e desenvolve o senso crítico. Ler gera conhecimentos diversos e principalmente, ler dá mais habilidades para escrever.

Ler vai muito além, é uma “**atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**. [...] na qual se leva em conta [...]” (KOCH, ELIAS; 2012a, P. 11, grifo do autor).

Escrever proporciona ao outro e a si mesmo tudo isso que foi citado acima, pois enquanto se escreve também se lê. “A leitura é a prática social de construção de sentidos decorrentes de um processo interativo entre autor e leitor, mediado pelo texto” (TERRA, 2014, p. 7).

Ler e escrever, uma ação importante na vida do ser humano e por isso é um dos assuntos, se não for o principal, mais debatidos, pesquisados, questionados. Por terem realidades tão difíceis de entender. Como ensinar de uma forma, regra, maneira, método efetivo onde todos os alfabetizando possam extrair e absorver. Quais os meios e/ou as facetas usadas para se aprender e ensinar a ler e escrever corretamente.

Muitos questionam o tipo de literatura que os alunos estão lendo, acham que por não ser um clássico, não deveriam ser lidos, e sobre esse ponto de vista, Terra (2014, p. 16-17) afirma que toma como pressuposto que os textos só têm sentido graças a seus leitores, por isso:

julgo preconceituoso que se condenem as leituras que os alunos fazem de livros pertencentes a massa ou que sejam condenados não leitores aqueles que leem obras não canônicas, pois é por meio da leitura de tais obras que os alunos chegarão aos autores legitimados culturalmente e prestigiados pelo cânone escolar.

O importante é ler, criar um hábito de leitura, ler diversos temas e autores, clássicos ou não. O que não pode é não ler nada. Quanto mais diversificar a leitura mais conhecimentos, habilidades e estratégias de leitura e de escritas serão adquiridas, pois ler também é uma atividade multifacetada, “significa que as estratégias usadas nas leituras não são as mesmas para todo tipo de texto: não se lê uma receita culinária da mesma forma que um romance [...]” (TERRA, 2014, p. 7).

#### 4.4 LEITURA E ESCRITA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS

Como foi falado anteriormente, a acriança não pode pular fases da alfabetização é importante que ela passe pela educação infantil para adquirir as habilidades e competências relacionadas a leitura e a escrita, porém é no ensino fundamental que se inicia formalmente a alfabetização. Não se deve deixar de ressaltar para isso a importância da educação infantil, sobretudo da etapa pré-escolar, em que se devem enfatizar as habilidades que predizem um bom rendimento na aprendizagem (PNA, 2019).

A alfabetização é mais que um método ou um padrão de ensino de leitura e escrita. E não poderia deixar de citar um autor de relevância incontestável, de todos os tempos, sobre o tema da educação, o Paulo Freire, um dos maiores educadores brasileiros que defendia o caráter social e político da alfabetização e que trouxe grandes contribuições a educação e a alfabetização com um método para ensinar a ler e escrever.

Método aqui não está no sentido de padrão ou de fórmula, nem tão pouco de dos métodos silábicos, fônicos, ou ainda o método de alfabetização global, citados anteriormente. O que Paulo Freire criou vai além tudo isso:

Criou uma concepção de alfabetização, no quadro de uma também nova concepção de educação. [...] é uma concepção de alfabetização, que transforma fundamentalmente o *material* com que se alfabetiza, o *objetivo* com que se alfabetiza, as *relações sociais* em que se alfabetiza – enfim: o *método* com que se alfabetiza (SOARES, 2015, p. 120).

Ou seja, não basta ensinar com uma cartilha cheia de palavras aleatórias que não fazem parte da realidade nem do cotidiano do alfabetizando. O intuito da alfabetização é ensinar a ler, escrever e desenvolver o senso crítico, despertar o conhecimento e fazer o aluno entender que aquelas palavras têm aplicabilidade no cotidiano dele, por isso “selecionam-se aquelas carregadas de significado social, cultural, político e vivencial [...]” (SOARES, 2015, p. 120).

De acordo com Planejamento Nacional de Alfabetização, o processo de aprendizagem de leitura e escrita da criança passa por quatro etapas:

**Predição:** tenta-se “adivinhar” a palavra escrita por meio do contexto (cores, formas, imagens) ou pelas letras iniciais.

**Analogia:** envolve reconhecimento da palavra por meio da associação com partes (rimas, por exemplo) de outras palavras familiares.

**Decodificação:** envolve o conhecimento das relações grafema-fonema para identificar o fonema correspondente a cada palavra, aglutinando os em pronúncias que formam palavras reconhecíveis.

**Reconhecimento automático:** depois que uma palavra é lida várias vezes, armazenase na memória e passa a ser reconhecida imediatamente, sem a necessidade de estratégia intermediárias como a predição e a analogia e a decodificação (PNA, 2019, grifo do autor).

Com tudo, a aprendizagem de leitura e escrita depende muito da bagagem linguística que a criança adquiriu antes de ingressar no ensino fundamental. Por isso, é muito difícil para os professores nivelarem o ensino e a aprendizagem dos alunos. Um vão sair na frente e outras não. Porque a aprendizagem vai muito além do conteúdo ministrado em sala de aula.

São as vivências e os estímulos que a criança teve desde o nascimento, o contato com familiares e com outras pessoas e com as crianças na pré-escola, brincando e interagindo que vão influenciar no desenvolvimento da aprendizagem de cada criança.

## 5. CONCLUSÃO

Talvez não saibamos dizer ao certo qual foi motivo principal pelo qual a escrita foi criada, se para aliviar a mente humana conforme afirma, Harari (2017), no livro *Sapiens*, – capítulo onde ele fala sobre a importância da escrita para humanidade e como ela ajudou a minimizar a “sobrecarga da memória”, já que antes da escrita ser criada tudo era armazenado na memória e passado oralmente, e nesse processo muita informação perdia sua originalidade, além de que a mente humana não é ilimitada – ou se a escrita foi criada para calcular os gastos das construções grandiosas que estampava a vaidade dos reis daquela época.

O fato é que não podemos viver sem ela, ainda que seu surgimento tenha tornado o homem mais preguiçoso, ou se ela não transmite tudo o que a língua verbal transmite, uma coisa é certa: hoje, quem não sabe ler nem escrever vive com poucas oportunidades.

Por isso, é importante saber ler e escrever. Nos inclui na sociedade. Todo cidadão tem o direito de estudar, mas a realidade no Brasil e no mundo ainda é bem diferente. Infelizmente a alfabetização de qualidade ainda é mais acessível pelas camadas privilegiadas. E quem não está inserido nelas, precisa “brigar” pela oportunidade de ser alfabetizado, como o estudo apontou.

As escolas públicas brasileiras enfrentam a barreira do abandono e do descaso, as verbas não são repassadas como deveriam e os professores não são valorizados como deveriam ser. Os alunos não são considerados como parte da escola, parece que são só um número.

Tudo isso reflete na qualidade do ensino e na aprendizagem, tanto por parte docente como discente. Os métodos usados para alfabetizar, parecem não está funcionando com essa nova geração. Uns falam que o método é para adolescente e não funcionam com crianças ou visse versa. Outros dizem que o problema são os professores que não estão preparados adequadamente. Outros falam que os alunos é que são desmotivados.

Mas a verdade é que está faltando políticas públicas e principalmente uma alfabetização de qualidade ofertada para todas as classes sociais, visando sempre a importância de fazer sentido na vida do alfabetizando. Onde ele possa se encontrar como pertencente a sociedade e a comunidade escolar inserido.

Diante de tudo que foi pesquisado, lido composto neste estudo a respeito da leitura e escrita em sala de aula nas séries iniciais do ensino fundamental e os desafios no processo de ensino e aprendizagem, apontaram que não é um método de alfabetização seja ela fônico, silábico, global ou mesmo do Paulo Freire, que vão mudar a realidade do analfabetismo e do analfabetismo funcional no Brasil.

Também não encontramos a fórmula para tal transformação. Mas o que não podemos é desistir de tentar. E antes mesmo de sair procurando criar, copiar outros métodos de alfabetização, deveríamos investir mais no que temos e atualizarmos para os dias de hoje. A final de contas por mais arcaico que seja os métodos que temos, foram eles que alfabetizaram grandes profissionais de renomes que temos no Brasil e espalhados pelo mundo afora. Então, ele não é tão ruim assim. Talvez o que mais atrasa a qualidade de ensino seja as nossas políticas públicas ou a carência delas atuando junto à comunidade escolar.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Tiago Soares. **História da Arte**. Brasil Escola. [S. l]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/historia-da-arte.htm>. Acessado em: 12 ago. 2019.

DELRE, Alessandra; PAULA, Luciane; MENDONÇA, Maria. **Linguagem da criança: um olhar Bakhtiniano**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 17-18. ISBN: 978-85-7244-830-7.

FERNANDES, Claudio. **Invenção da Imprensa**. [S. l]. História Do Mundo. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/invencao-imprensa.htm>. Acessado em: 10 ago. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008. 108 p. ISBN: 978-85-7472-959-6.

FISCHER, Steven Roger. **História da escrita**. São Paulo: UNESP, 2009. 293 p. ISBN: 978-85-7139-950-1.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atos S/A, 2002. p. 44-45. ISBN: 978-85-2243-169-4.

HARARI, Yuval Noah. **Sobrecarga da Memória**. In: HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 29. ed. Porto Alegre, RS: L&M, 2017. p. 127-141. ISBN: 978-85-254-3218-6.

HIGA, Carlos César. **Arte Rupestre**. Brasil Escola. [S. l]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-arte-rupestre.htm>. Acessado em: 12 ago. 2019.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2012. 214 p. ISBN: 978-85-7244-327-2.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégia de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 220 p. ISBN: 978-85-7244-423-1.

MARCIEL, Júlia Lobato. **História sobre papel**. In: ESPAÇO DO CONHECIMENTO, UFMG. 1 set. 2020. Blog. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-sobre-papel/>. Acessado em: 10 jun. 2021.

NETO, João. Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015. **Agência IBGE/Notícias**. Estatísticas Sociais. [S. l]. 18 maio. 2018. PNAD Contínua. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>. Acessado em: 15 out. 2019.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. p. 17-26. ISBN: 978-85-2180-467-3.

PORTO EDITORA. **Escribas**. *In*: INFOPÉDIA, Dicionário da língua portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/escribas>. Acessado em: 07 jun. 2023.

RIBEIRO, Gabriel. **Descubra quais são os emojis mais usados no mundo**: pesquisa aponta que emojis estão caminhando para se tornarem linguagem global. **TechTudo/Internet**. [S. l.]. 19 out. 2018. Editora Globo. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/01/descubra-quais-sao-os-emojis-mais-usados-do-mundo.ghtml>. Acessado em: 17 jun. 2020.

SÃO PAULO, Secretaria de estado da educação; Coordenadoria de estudos e normas pedagógicas. **O Direito babilônico: artigos do código de hamurábi [1792-1750 a. C.]**. *In*: Coletânea de Documentos Históricos para o 1º grau – 5ª. a 8ª. Série. São Paulo: SE/SENP. 1978. p. 57.

SILVA, Daniel Neves. **O que é a epopeia de Gilgamesh?** Brasil Escola. [S. l.]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-epopeia-gilgamesh.htm>. Acessado em: 16 jun. 2019.

SOARES, Magda. **As muitas facetas da alfabetização**. *In*: SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-27. ISBN: 978-85-7244-243-5.

TERRA, Ernani. **Leitura do Texto Literário**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 51-62. ISBN: 978-85-7244-829-1.